

PIMPAMPUM



Suplemento infantil do jornal:

O SECULO

• DIRECTOR: AUGUSTO DE SANTA RITA •



O LEÃO E A MÔSCA

Por MANUEL FERREIRA



ERTO dia, o leão acordou bem disposto. Sacudiu a juba e assomou à entrada do covil.

Num relance de olhos, o rei dos animais

olhou para a selva. No tronco dum coqueiro, um macaco cabriolava, alegre. Entre a folhagem, um passarôlo guinchava, à toa. Ao longe, o vulto airoso de um antílope esgueirava-se no capim.

Rugiu e o silêncio mais pesado caiu sobre o bosque. O macaco tremelicou, a arara desferiu vôo para uma palmeira distante. O antílope, agitado pelo terror, ocultou-se entre uns arbustos.

Lambendo os beiços, o leão partiu para a caça. Anoitecia. Milhares de insectos fosforescentes iluminavam o caminho seguido pela fera.

Junto de um arbusto, um animalzinho saudou-o:

— «Boa tarde, leão!»

O rei dos animais voltou-se e não viu nenhum bicho. Supôs ter sido enganado e dispunha-se a continuar a caminhada quando outra vozinha se ouviu:

— «Então, não correspondeste ao meu cumprimento?»

Era demais! Trataram-no com tanto desrespeito... Quem seria o ousado?

Olhou em torno e, sobre um caule, viu um pequeno insecto. Dirigiu-se-lhe, raivoso:

— «Quem és tu. Para assim me falares?»

— «Sou a môska tzé-tzé.— respondeu o bichinho, zumbindo.— Sou tão poderosa e forte como tu.»

— «O quê? Dêse tamanho, quem te tomaria a sério?»

Riu a môska e, chegando à orelha direita do leão, disse:

— «Vou propôr-te um desafio, rei da selva. Aquele de nós que mais depressa abater um boi é o que vence.»

O leão aceitou o reptô singular. No dia seguinte, encontrou um búfalo, perseguiu-o, mas a fera procurou, mugindo, a imensidade do bosque.

Rugiu o leão, colérico. Pela tarde, um enorme antílope deparou-se-lhe, no capim. Mas fez-lhe frente e obrigou o leão a fugir.

No dia seguinte, encontrou a môska tzé-tzé.

Esta troçou-o.

Estavam trocando impressões, quando um boi se acercou da árvore. O leão ati-

rou-se ao inimigo mas ficou ferido nas hastes do ruminante. Dorido, ia retirar-se para o seu fojo, quando a

(Continua na página 4)



A ORQUESTRA TANGARÁ

por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA



ENTRE a pardalada vulgar que vivia naqueles sítios, salientava-se um par de pardalocos, a que os outros puseram a alcunha de «novos ricos», porque, na verdade, pareciam sempre abarrotar de fartura e importância. Até corria à boca cheia, quere dizer, a bico cheio — (pois neste caso o bico é a boca) — que aquela prosáplia lhes vinha de terem descoberto certo saco de trigo podre, fortuna incalculável para dois insignificantes pardalicos.

Fôsse como fôsse, o que é certo é que passavam vida folgada e regada, sem as canseiras dos companheiros pobretões, sempre em cata de migalha ou baguinho.

Aquele casal afortunado nasceram filhinhos e estes, já se vê, foram criados para ricos.

Principalmente a pardaloquinha era como princesa de sangue real, no meio das outras pardalicas plebeias, nasci-

das para a mesma vida de trabalho que os pais levavam.

Quando, mais tarde, pensaram em casá-la com um pardalão mariolão que só ao cheiro do dote tratara de fazer parte daquela família, nada satisfazia aqueles pais exigentes!

O enxoval da noiva era espaventoso, e para as festas magníficas do casamento, queriam, à viva força, contratar uma grande orquestra que desse brilho à cerimónia.

Mas onde encontrá-la?! Mandaram emissários pelos campos matas, pinhais e matagais...

O que havia pelos arredores eram cantores isolados, assim em conjunto nada existia.

Voaram pombos correios, pagos a trigo podre, por esse mundo fóra.

Um deles, então, trouxe um número do Diário voador do Brasil que relatava os sucessos da extraordinária orquestra do Tangará. (*)

Esta notícia causou grande sensação na família dos novos ricos.

Era preciso contratar, a todo o preço, aqueles músicos afamados.

A enorme dificuldade estava na distância que os separava.

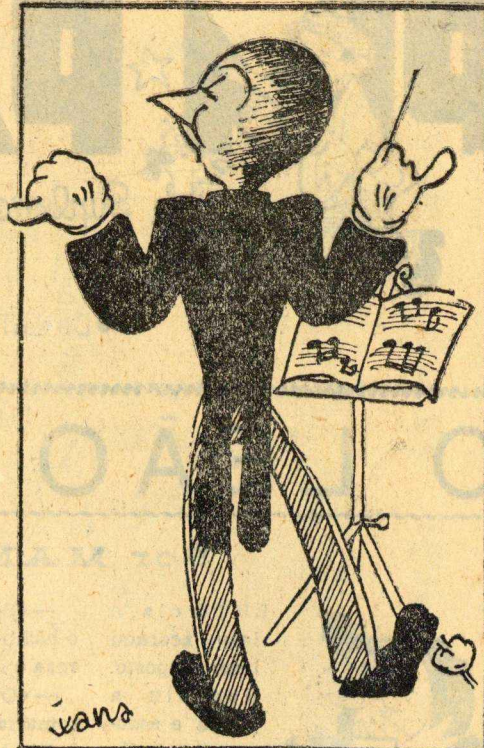
Mas a mãe pardaloca não se prendia com dificuldades e logo, decidida, animosa, traçou um plano arriscado, mas o único a escolher.

Iriam nos mastros dum navio até às terras do Brasil e dali trariam a orquestra ambicionada.

Assim o fizeram.

Empoleirados nos mastros dum paquete, como nos ramos das árvores, seguiram mares fóra...

A gente de bordo, estranhando tal passareda, onde só gaivotas apareciam, acharam graça aos pardais, deram-lhe sustento e em dias de



temporal deixaram-nos vir aconchegar, entre os fardos do porão.

Mas, chegados a um porto do Brasil, eles debandaram para o interior e ali se puseram à procura da célebre orquestra.

Nas selvas profundas, encontraram aves de deslumbrantes plumagens e cantos maviosos; o jâburú, o magoari, o sabiá, o colibri, o e muitos, muitos mais, mas a respeito de tangarás não os avistavam em parte alguma.

A pardalona, retomando os seus ares enfatuados de nova rica, apregoava em alto e bom som: — «Vimos contratá los para festa de arromba! Somos uma família de pássaros milionários. Não olhamos a despezas!

Farto de a ouvir, um pica-páu, conhecedor dos recantos da selva, foi, então, em cata da orquestra afamada. Mal os tangarás chegaram, logo o chefe veio pousar numa árvore à frente dos companheiros que aguardaram, respeitosamente, o sinal para dar começo ao concerto.

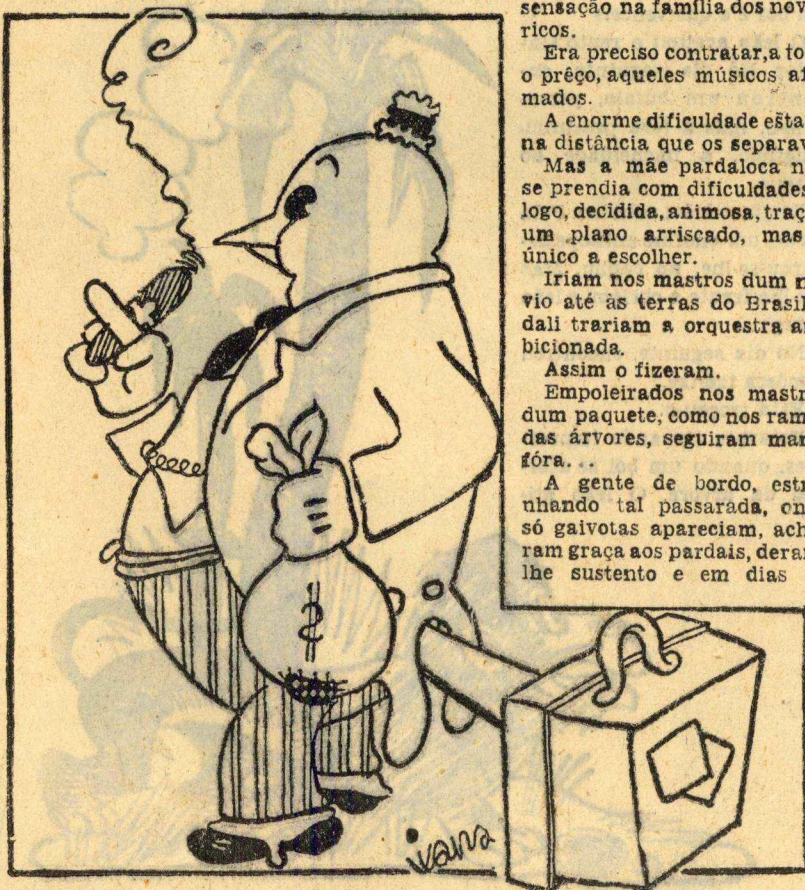
O regente bateu com o bico num tronco, como quem dá as três pancadas do estilo para principiar o espectáculo e imediatamente os outros desataram a cantar.

Depois, calaram-se a um outro sinal e foi o próprio chefe que cantou e eles responderam em côro.



Ante este prodígio de encanto, graça e inteligência, os pardais abriram os bicos de espanto, mas logo o pai


* E' verídico existirem estas orquestras de tangarás no interior do Brasil.

(Continua na página 3)


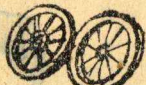


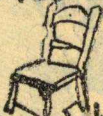
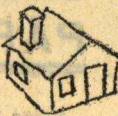
O PATETINHA CONTO HIEROGLIFICO

A mãe dum patetinha mandou-o buscar uma  de  que estava a consertar numa loja.

O patetinha já vinha com ela às  numa descida, cansado em consequencia de seu

, quando encontrou um amiguinho que era esperto como  — «Leva-me a

 de  durante algum tempo para eu descansar.» Pediu êle.

— «Para quê?» respondeu o outro, sentando-o  na e dando-lhe um empurrão. E, assim, o patetinha chegou a  repimpado.

ANEDOTAS A Orquestra Tangará

DIALOGO

(Continuação da página 2)

— «Que desgraça, meu amigo! Imagine que os ratos entraram aqui e comeram o quadro que eu concluí ontem.»

— «Ah! E que representava êsse quadro?»

— «Um gato.»

— «Devia estar muito parecido.»

SALVAÇÃO

— «Com que então você foi o único sobrevivente do naufrágio?»

— «E' verdade.»

— «E como ocorreu o salvamento?»

— «Cheguei tarde ao porto e, como o vapor já tinha partido, fiquei em terra.»

PRÊMIO DE CONSOLAÇÃO

— «E as crianças choram muito, à noite?»

— «Choram; mas felizmente só uma é que incomoda... Chora tão alto que não deixa ouvir a outra.»

pardal, já sobranceiro e arrogante, declarou:

— «Ficam contratados para irem abrilhantar as festas do auspicioso enlace da nossa pardaloquinha..»

Grande honra lhes fazemos, pois a nossa fortuna é colossal... De trigo podre, possuímos uma saca; de gráhnhas de uva, temos uma ceira...»

O chefe Tangará interrompeu-o:

— «Escusas de dizer mais e se tens muito, come duas vezes! Não contes com a minha orquestra. Nós ficamos na nossa terra, distraíndo os nossos amigos. Não somos aves de arribação, nem nos incomodamos por pássaros ordinários.»

— «Ordinários?!... Não sabes com quem falas!» — exclamou o pardal, indignadíssimo,

— «Sabe!... Sabe!... Fui eu quem lho disse! — retorquiu o pica-páu.

Vocês não passam de reles pardais, engraçados quando são simples, insuportáveis com essa prôa!»

E toda a outra passarada apupou a

família dos novos ricos, que não teve mais remédio senão abalar.

Depois duma viagem acidentada, conseguiram voltar à sua mata.

Não vinham triunfantes, como haviam saído; isso sim!...

E qual não foi a sua desilusão, quando deram com a saca de trigo podre, toda despejada e as gráhnhas todas comidas!

A passarada do sítio que os detestava, havia-os roubado escandalosamente!

Caíram, então, na desgraça e na penúria, porque nada tinham aprendido a fazer, senão a apregoar as suas riquezas!

Nem mesmo o pardalão mariolão lhes valeu!

Esse safou-se logo em cata de outra herdeira rica, de fortuna mais sólida que trigo podre!

F I M

O Leão e a Mósca

(Continuação da página 1)

mósca o chamou. Voltou-se a fera e, então, a tze tze poisou sobre o boi; este mugiu, caindo, pesadamente, no solo.

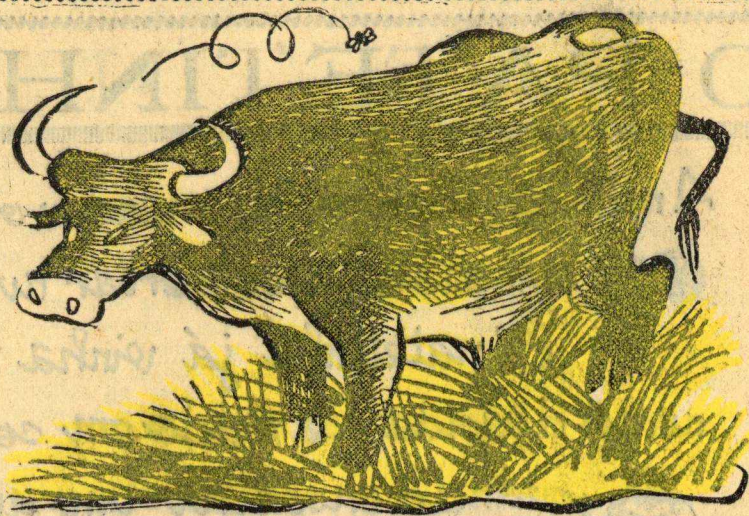
Estava morto.

O leão não queria crer no que via. Abrindo as asitas, a temível mósca disse-lhe:

— «É para que vejas se não é mais forte a minha insignificância do que a tua grandeza...»

* * *

Vejam, pois, os meus meninos como há pequenas coisas que causam grandes males.

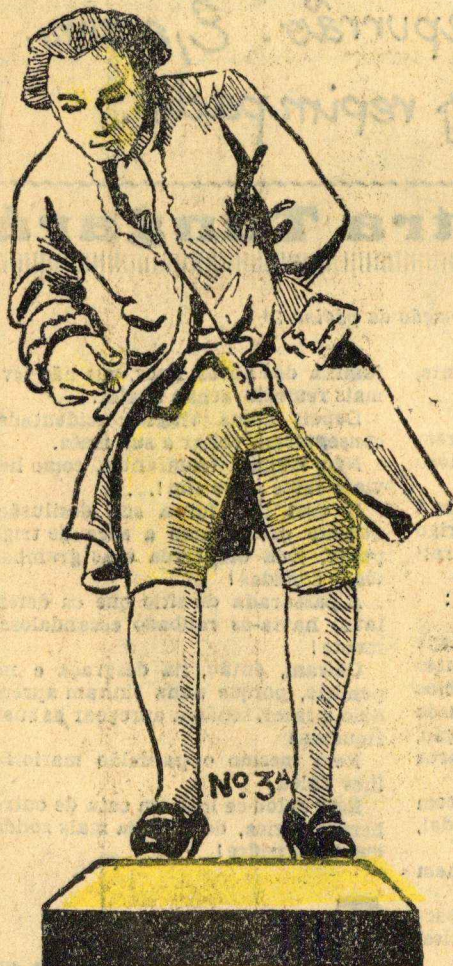


FRAGMENTOS do QUADRO

O Marquês de Pombal

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

Estas figuras constituem o 3.º plano do quadro.



Publicamos, hoje, as restantes figuras do quadro-construção para armar:—O Marquês de Pombal examinando a planta da reconstrução da cidade de Lisboa, da autoria do grande pintor português Miguel Angelo Lúpi, nascido na nossa capital em 8 de Maio de 1826 e falecido em 26 de Fevereiro de 1893.

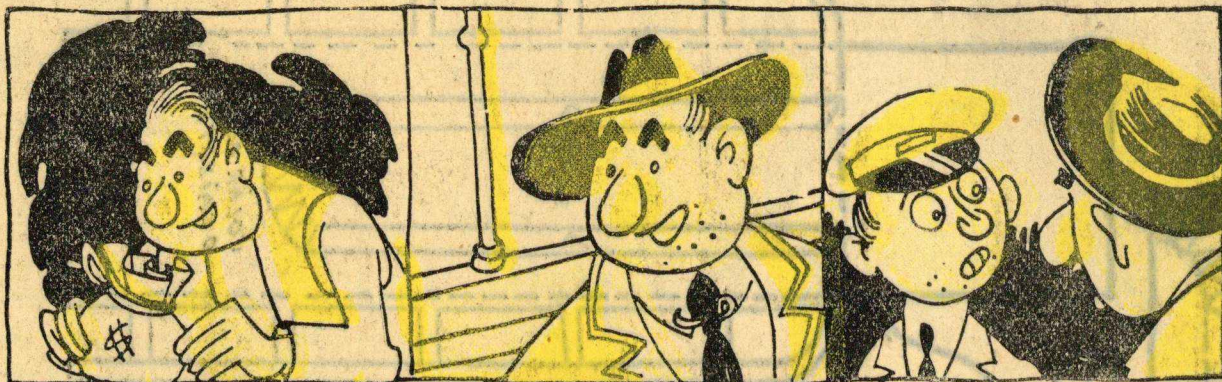
Professor de pintura histórica na Academia de Belas Artes de Lisboa, onde tirou um curso brilhantíssimo, Miguel Angelo Lúpi foi pensionista do Estado em Itália, em 1860, e a ele se devem, entre muitas obras primas, o quadro que reproduzimos no número anterior e do qual extraímos a construção para armar que oferecemos aos nossos pequeninos leitores, bem como os que se intitulam:—*D. João de Portugal*, tendo por assunto a cena final do 2.º acto do Frei Luiz de Sousa, peça histórica de Almeida Garrett, *Um beijo de Judas, Mde.*, premiado na exposição de Madrid em 1871, e *As lavadeiras do Mondego*, premiado na Exposição universal de Paris em 1878.

A armação do quadro deve ser construída em cartolina forte, um nadinha maior que o desenho publicado na página e 8 que representa o fundo do

quadro. Na armação devem ser colocadas as figuras nos sucessivos planos.

O Zé Quitolas

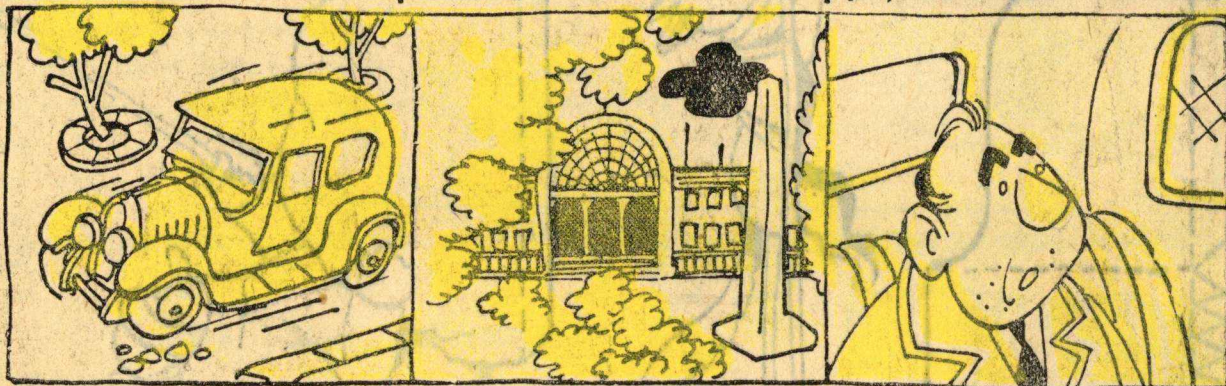
POR ISABEL AREOSA



Zé Quitolas, que vivia para as bandas da serra do Marão, deitou um dia contas ao dinheiro e viu que tinha o bastante para dar uma saltada ao Pôrto e ver o Palácio de Cristal e a ponte D. Maria Pia.

Comprou uns sócos novos e um chapéu preto de aba larga, pôs um saco às costas, com a roupa, e aí vai êle no combóio... «pouca terra... pouca terra...» até à cidade Invicta.

Quando chegou à estação de S. Bento, andou à procura de um táxi mais em conta mas eram todos a dois escudos a bandeirada e Zé Quitolas, depois de muito regatear, chamou-lhes «caterva de exploradores», porque todos levavam o mesmo preço e não faziam, sequer, um abatimento de meio tostão.



Por isso, não quiz ir num táxi. Meteu-se num outro automóvel de aluguer e disse ao motorista que desse uma volta pela cidade durante meia hora.

O motorista levou-o a ver a Avenida dos Aliados, a torre dos Clérigos, a rua Sá da Bandeira, a Ponte D. Maria Pia e o Palácio de Cristal.

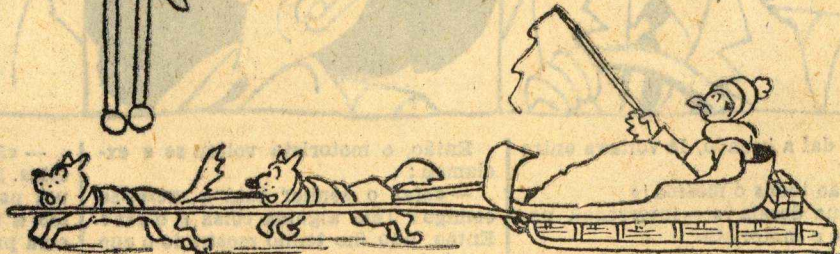
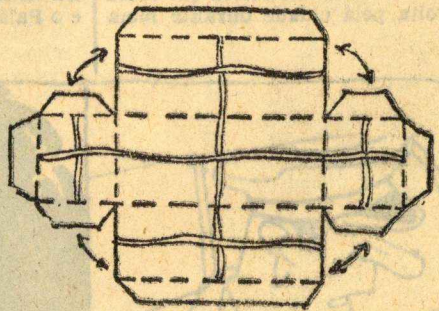
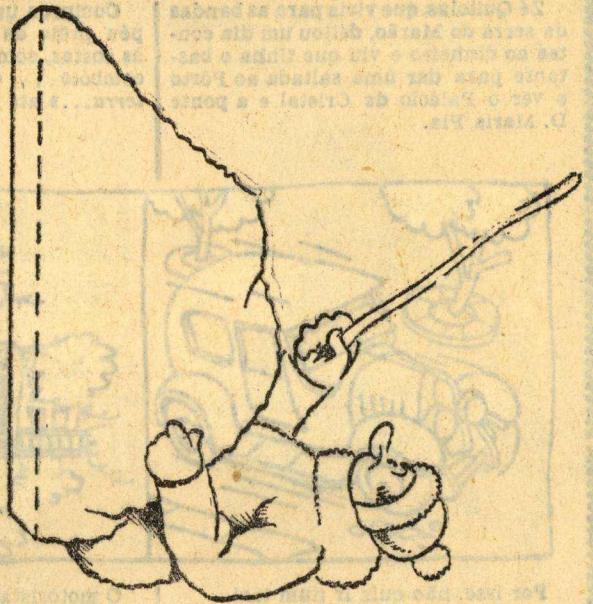
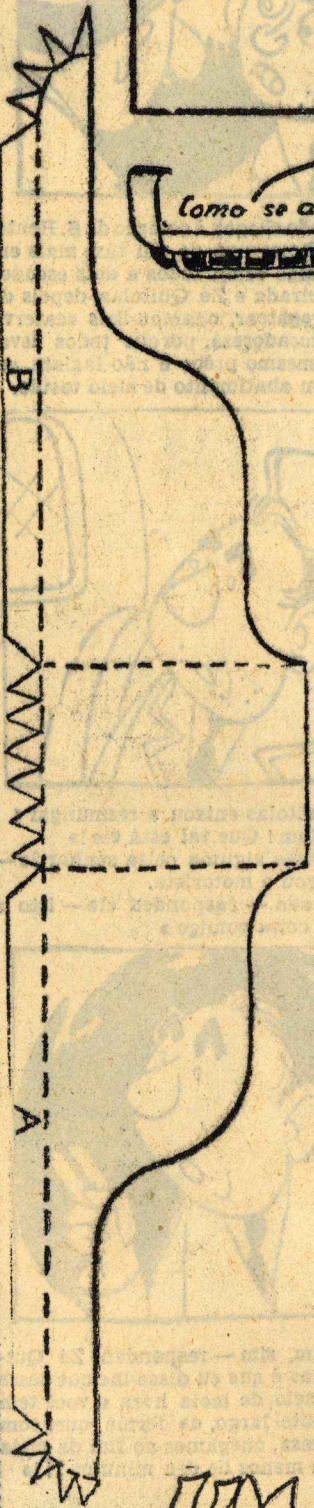
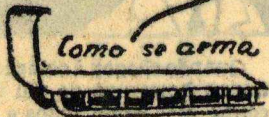
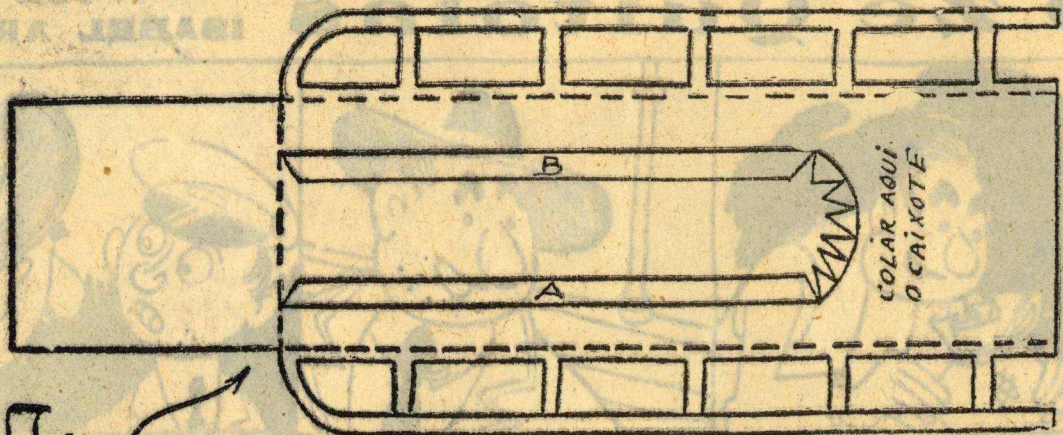
Zé Quitolas entrou a resmungar:
— «Hum! Que tal está êle!»
— «Disse alguma coisa senhor?» — interrogou o motorista.
— «Nada — respondeu êle — isto é cá uma coisa comigo.»



Mas, daí a bocado, lá voltava entre dentes:
— «São todos o mesmo!»
— «Que deseja?» — interrogou novamente o motorista.
— «Ia cá falando, não é nada.»
Mas Zé Quitolas acrescentou em surdina:
— «Bem te entendo... mariola!»

Então, o motorista voltou se e exclamou:
— «Mas o senhor está a meter-se comigo! Tem alguma coisa a dizer? Então, não lhe tenho mostrado o que a cidade tem de melhor? Não era isto que queria ver?»

— «Sim, sim — respondeu Zé Quitolas. Mas é que eu disse-lhe que desse um passeio de meia hora e você tem ido a trote largo, de forma que, com essa pressa, chegamos ao fim da meia hora em menos de dez minutos!!!»



UM TRENO

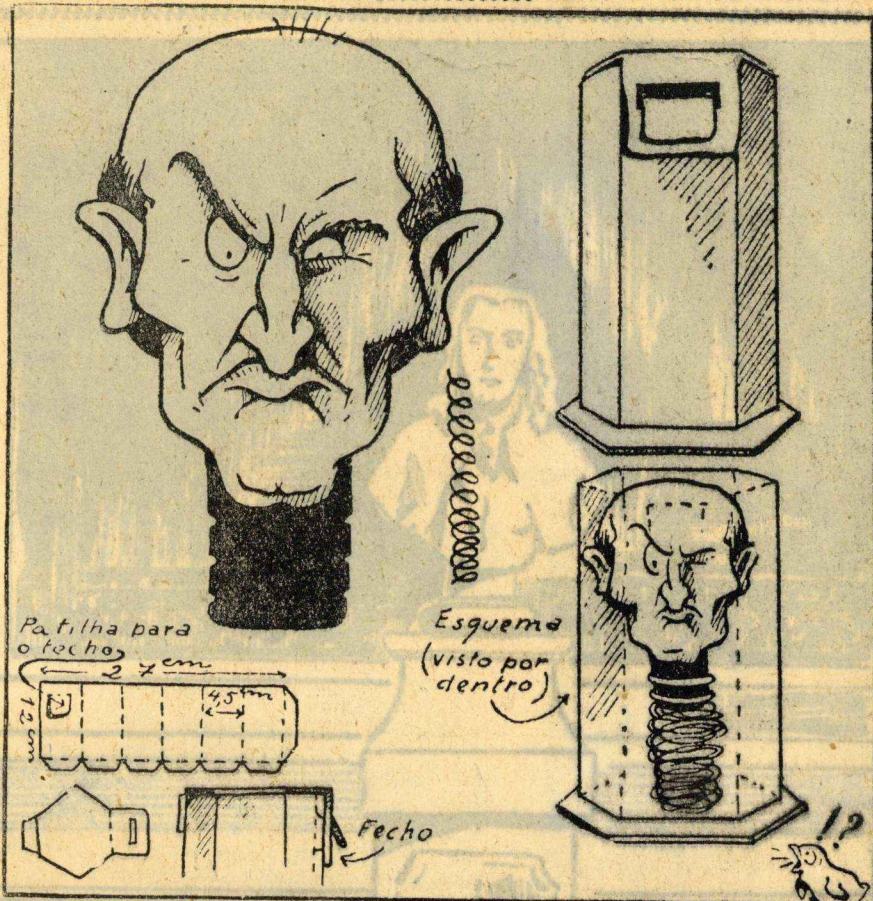
ESQUEMA por TAVARES PINTO

UMA PARTIDA

Este brinquedo, com que assustareis os vossos amiguinhos, compõe-se duma caixa, da qual, abrindo-se-lhe a tampa, salta uma feia cabeça, empurrada por uma mola de arame de aço.

A forma de se construir, está bem patente nos esquemas, não necessitando, por isso, de grandes explicações.

Basta que se saiba que é tudo feito em cartolina forte, e a mola — (que já ensinámos a fazer, enrolando o arame num tubo) — em aço muito fino.



D. ARANHICO

Por FELIZ VENTURA

— **A** RANHICO, meu amigo, vamos já daqui andar. Quero em clima mais ameno, mais sereno, descansar.»

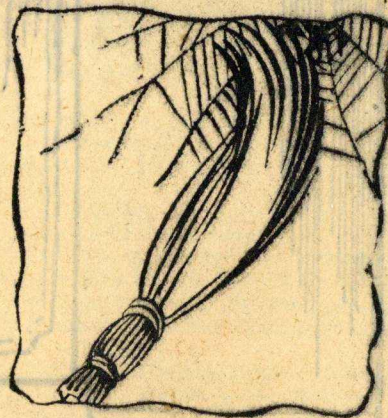
Isto disse a digna esposa do Aranhico Aranhão, e nessa hora,

correram, a tôda a pressa, para a nova habitação, um cantinho abrigadinho num dos cantos do salão.

Depois, já bem instalados, risonha e sempre formosa, diz ao Aranhico a esposa: — «Vês, meu caro maridinho, que isto é bem mais abrigado do que o quarto esburacado onde não mora ninguém?»

Aqui, ao menos, vem gente e que gente, meu marido! As senhoras da alta roda, meninas que andam na moda, num luxo, constantemente. Como vai ser divertido! Como vai ser diferente!

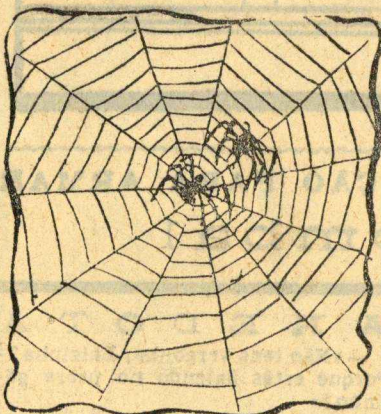
E crê tu que até devemos ganhar melhor posição. São as nossas companheiras que nos dão reputação.

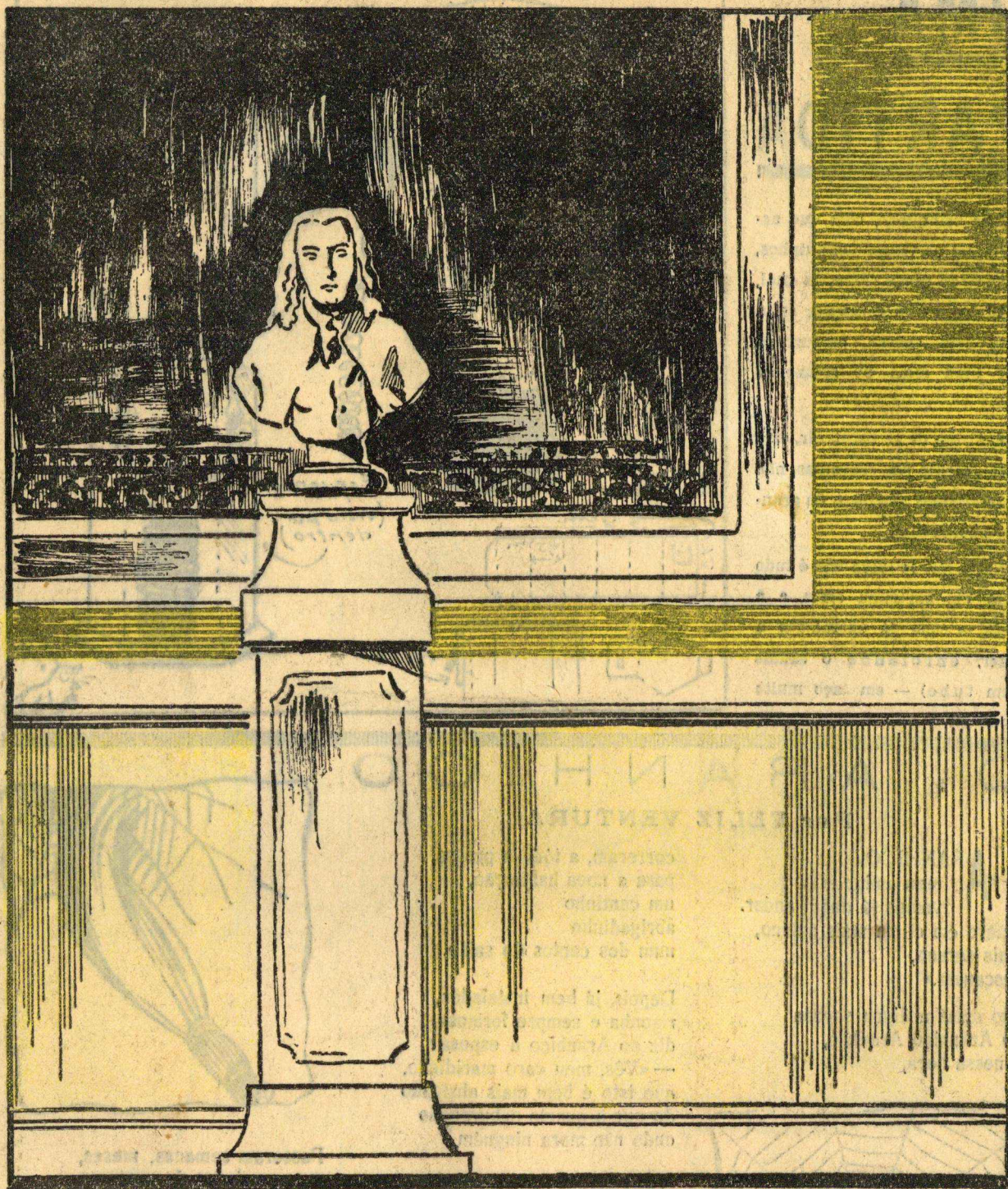


Passaram semanas, meses, sempre cheios de ventura, sem aflições, nem revezes.

Mas, um dia, em que a criada da limpeza encarregada, ali teve de passar com vagar, notou os dignos esposos descansando venturosos, talvez sonhando um futuro bem comprido, duradouro, com mil venturas sem par.

(Lêr continuação na pagina seguinte)





O ÚLTIMO PLANO DO QUADRO — CONSTRUÇÃO PARA ARMAR
O Marquês de Pombal

E logo, tôda zangada,
com expressão furibunda,
vai com a vassoura alçada
e tão forte vassourada
dá no canto do salão,

que logo os pobres esposos
ficaram mortos no chão.

Eis aqui mais duas vítimas
da tão fugaz ambição.

A N E D O T A

— «Não tens vergonha, Luíziuha?!
Porque estás batendo no pobre ga-
tinho?»

— «Porque êle é porco. Cospe nas
patas e limpa-as no focinho.»